

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT07.011](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT07.011)

IST?! PROFESSOR, ME EXPLICA O QUE É?

ÁLISSEON THIAGO BARBOSA PEREIRAProfessor da Secretaria de Educação e Desporto do Estado do Amazonas - AM, profalissonthiagobarbosa@gmail.com

RESUMO

Este estudo focaliza Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), anteriormente denominadas Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), realçando uma alteração terminológica que enfatiza a possibilidade de transmissão assintomática. A pesquisa englobou alunos do segmento Educação de Jovens e Adultos (EJA), adotando uma abordagem dinâmica para explorar o conhecimento prévio, seguida de uma investigação temática no contexto das aulas de biologia. A coleta de dados foi realizada com uso de instrumentos variados, incluindo questionários semiestruturados, criação de cartazes, mapas mentais, debates e construção de textos. A intervenção pedagógica incorporou estratégias inovadoras como diálogos em grupo, aulas embasadas em metodologias ativas e uma revisão das concepções dos alunos. Essas táticas foram selecionadas para abordar o tema de maneira envolvente, assegurando que os estudantes desempenhassem um papel central ao longo de todo o processo. Para avaliar os resultados, os dados coletados foram cuidadosamente analisados, tabulados e submetidos à análise de conteúdo segundo Bardin (2011). Os resultados da intervenção foram notáveis, demonstrando um entendimento mais aprofundado e sensibilização mais forte por parte dos alunos. Inicialmente, muitos alunos não conseguiam identificar a sigla IST, bem como as principais infecções, seus sintomas e tratamentos. Isso enfatiza a importância da educação em saúde sobre IST no ambiente escolar, inclusive no contexto da Educação de Jovens e Adultos. Além disso, a intervenção não apenas auxiliou os alunos a reconhecerem os sintomas mais comuns das infecções, mas também promoveu o desenvolvimento do autocuidado e a capacidade de tomar decisões em relação às atividades futuras.

Palavras-chave: EJA, IST, Metodologias Ativas.

INTRODUÇÃO

Adolescentes e jovens adultos, especialmente aqueles envolvidos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), são identificados como um grupo prioritário em programas de prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) devido às transformações biopsicossociais intensas que atravessam nessa fase (LIEBERMAN *et al.*, 2019; LIMA *et al.*, 2018). Essa etapa da vida é marcada por um período de descobertas, mudanças hormonais e exploratórias, muitas vezes acompanhadas por questões relacionadas à sexualidade e ao estabelecimento de relacionamentos íntimos.

Esses jovens enfrentam desafios significativos ligados à sexualidade e à falta de informações abrangentes sobre práticas sexuais seguras e saudáveis (LIEBERMAN *et al.*, 2019; LIMA *et al.*, 2018). Nesse contexto, a vulnerabilidade desses indivíduos em relação às ISTs é exacerbada, já que a falta de conhecimento sobre medidas preventivas e a tendência a se engajar em comportamentos de risco aumentam a probabilidade de contraírem essas infecções.

Essa realidade enfatiza a urgência de estratégias educacionais direcionadas a esse grupo específico, visando não apenas à promoção da saúde física, mas também ao bem-estar emocional (LIMA *et al.*, 2018). Educar sobre sexualidade e ISTs de forma adaptada à sua realidade é fundamental para capacitá-los a tomar decisões mais informadas e conscientes em relação à sua saúde sexual e reprodutiva (LIEBERMAN *et al.*, 2019).

A falta de informações adequadas sobre saúde sexual e a ausência de acesso a serviços de saúde especializados tornam esse grupo mais suscetível a práticas sexuais inseguras e, conseqüentemente, a um maior risco de contrair ISTs (LIMA *et al.*, 2018). Portanto, intervenções educacionais e preventivas personalizadas e culturalmente sensíveis são essenciais para mitigar os efeitos dessas infecções nessa faixa etária, garantindo o acesso a informações precisas e de qualidade sobre saúde sexual (LIEBERMAN *et al.*, 2019).

A fase da adolescência, como definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), compreende um período sensível que se estende dos 10 aos 19 anos, notadamente marcado pelo início da atividade sexual (GONÇALVES, *et al.*, 2015). Essa etapa da vida é um turbilhão de transformações biológicas, psicológicas e sociais, impulsionadas principalmente por mudanças hormonais.

É nessa fase que os jovens começam a explorar e a compreender sua sexualidade. O impacto dessas transformações pode influenciar diretamente a forma como eles se relacionam consigo mesmos e com os outros, muitas vezes resultando em comportamentos de risco. Essas descobertas psicossociais são fundamentais para o desenvolvimento, mas também podem levar a atitudes que carecem de precaução e ponderação (CHINAZZO, *et al.*, 2014).

A compreensão e o estudo da adolescência se tornaram essenciais devido aos desafios sociais enfrentados por essa faixa etária. Problemas de saúde, como os comportamentos de risco, tornaram-se um foco significativo para a saúde pública, demandando abordagens mais eficazes e políticas específicas (BRASIL, 2017).

Comportamentos de risco são ações ou decisões tomadas pelos indivíduos que podem colocar em risco a própria saúde, estando intrinsecamente ligados a diversos aspectos, incluindo o contexto psicológico, intelectual, social, cultural e até mesmo a situação socioeconômica (SASAKI, *et al.*, 2014; GONÇALVES, *et al.*, 2015). A exposição a esses fatores pode levar os jovens a práticas de risco, e essa exposição pode resultar em uma variedade de consequências, que vão desde problemas sociais até questões sérias de saúde física e mental (REIS, *et al.*, 2018).

É importante ressaltar que alguns desses comportamentos de risco estão estreitamente associados ao desenvolvimento de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), acidentes, casos de violência e até gravidez indesejada, o que reforça a necessidade premente de intervenções educacionais e políticas de saúde voltadas para essa faixa etária (REIS, *et al.*, 2018).

Essa fase da vida é crucial para a formação de hábitos e comportamentos, tornando fundamental o estabelecimento de estratégias eficazes de prevenção e educação, buscando não só a promoção da saúde, mas também o bem-estar emocional e social dos jovens. Durante a adolescência, a sexualidade transcende os aspectos biológicos e manifesta-se como um fenômeno complexo que engloba dimensões psicológicas, sociais e culturais. É influenciada por uma miríade de fatores, incluindo crenças, valores familiares, normas sociais e contextos culturais (FERREIRA, 2018; PENNA, 2015). Nessa fase crucial de desenvolvimento, a sexualidade desempenha um papel crucial na construção da identidade dos jovens, à medida que emergem desejos e atrações sexuais. Esse despertar sexual precoce aumenta a suscetibilidade aos riscos das ISTs, sublinhando a importância de abordagens educacionais que considerem essa complexidade (GONDIM, 2015).

Desde a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, as instituições de ensino foram incumbidas de integrar a orientação sexual como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do ensino fundamental e médio. Esse processo pedagógico se destina não apenas a disseminar informações, mas também a instigar reflexões sobre aspectos relacionados à sexualidade, abordando suas dimensões sociológicas, psicológicas e fisiológicas (BRASIL, 1999).

O tratamento dessa temática em ambientes educacionais frequentemente desafia os educadores, que buscam abordar a questão de maneira sensível e embasada. Apesar de terem sido estabelecidos há mais de duas décadas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) permanecem como uma referência significativa para o ensino de educação sexual no contexto escolar (BRASIL, 1999). Em contrapartida, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), adotada em 2017, embora não trate especificamente de educação sexual ou Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), direciona-se ao desenvolvimento global dos estudantes. Seu enfoque está na construção de competências e habilidades que capacitem os alunos a tomarem decisões pautadas em valores éticos, cuidarem do seu bem-estar emocional e o dos outros, e acolherem a diversidade sem preconceitos (BRASIL, 2017).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe uma abordagem inovadora que visa à participação ativa dos estudantes, permitindo que eles desempenhem um papel central em seu processo educacional. Ao adotar essa perspectiva, a BNCC almeja criar um ambiente propício para o desenvolvimento holístico dos estudantes, estimulando não apenas o conhecimento, mas também competências essenciais para sua formação. Conforme destacado pelo documento (Brasil, 2017), essa metodologia investigativa objetiva não somente a aquisição de informações, mas também a capacidade de questionar, explorar e analisar criticamente esses conhecimentos. O propósito vai além do domínio de conteúdo, buscando promover a criatividade, a curiosidade intelectual, o pensamento crítico e a motivação intrínseca dos alunos.

Essa abordagem investigativa preconizada pela BNCC enfatiza não apenas a transmissão passiva de informações, mas também a capacidade dos estudantes de explorar, questionar e contextualizar o conhecimento, o que é essencial para o desenvolvimento de uma visão crítica e participativa na construção do saber (BRASIL, 2017).

Diante da complexidade e relevância das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e da necessidade de um enfoque educacional pertinente, emerge a importância de abordar questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva no ambiente escolar. A integração desses temas no contexto educacional, considerando as orientações normativas vigentes, torna-se fundamental para promover um conhecimento amplo e integrado entre os estudantes.

O desenvolvimento de abordagens pedagógicas adequadas para explorar as ISTs visa não apenas preencher as lacunas de conhecimento, mas também estimular a reflexão crítica e a compreensão aprofundada sobre esse tema complexo. A iniciativa do projeto consistiu em investigar minuciosamente o nível de compreensão prévia dos alunos acerca das ISTs, identificando possíveis lacunas e dificuldades conceituais. Com base nessa análise, buscou-se elaborar intervenções pedagógicas direcionadas e eficazes para capacitar os alunos a desenvolverem uma compreensão mais abrangente e precisa sobre as ISTs.

Além do enfoque acadêmico, o projeto aspirou despertar uma consciência crítica nos alunos, preparando-os para tomadas de decisões informadas e responsáveis em relação à sua saúde sexual e reprodutiva. O objetivo foi ir além da mera transmissão de conhecimento, engajando os estudantes em discussões e reflexões que propiciassem uma compreensão mais holística sobre a importância da prevenção, tratamento e impacto social das ISTs. Dessa forma, a proposta visou não somente ao enriquecimento do saber, mas também ao desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias para a tomada de decisões conscientes e responsáveis, promovendo, assim, uma visão mais madura e informada dos alunos diante de questões de saúde sexual. Através dessa pesquisa, busca-se oferecer uma abordagem mais efetiva e ajustada à realidade dos alunos da EJA, visando promover uma educação mais ampla e inclusiva sobre ISTs, contribuindo assim para uma sociedade mais consciente e saudável.

METODOLOGIA

Este projeto adotou uma abordagem qualitativa, mergulhando no universo dos significados subjacentes aos comportamentos, aspirações e crenças dos participantes. Conforme Minayo (2012) destaca, essa abordagem visa desvelar questões específicas, explorando os significados por trás de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Dada a complexidade e a natureza específica do projeto,

foi vital escolher um método capaz de capturar os fenômenos sociais, mantendo a integralidade e relevância das experiências cotidianas.

Assim, optou-se pelo método de estudo de caso proposto por Yin (2005), reconhecido por sua contribuição na obtenção de respostas pertinentes às investigações específicas. Esse método revelou-se ideal para aprofundar a compreensão do tema. A pesquisa realizada adotou uma abordagem qualitativa, empregando a observação participante como ferramenta fundamental. Os instrumentos utilizados incluíram questionários semiestruturados, rodas de conversa e exposições em aulas.

A estruturação do projeto ocorreu em diversas etapas: inicialmente, um levantamento dos conhecimentos prévios foi conduzido, seguido pela exploração da motivação relacionada à temática. Processos de intervenção pedagógica foram aplicados, culminando na análise das vozes iniciais. As informações coletadas por meio dos questionários foram criteriosamente analisadas, tabuladas e submetidas à análise de conteúdo conforme delineada por Bardin (2011).

A análise de conteúdo de Bardin é uma abordagem metodológica crucial no campo da pesquisa qualitativa. Esta técnica sistemática permite a compreensão profunda e a interpretação dos significados subjacentes ao conteúdo textual, seja ele escrito, verbal ou visual. A metodologia proposta por Bardin envolve três fases distintas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise, os pesquisadores organizam os dados, definem categorias e formulam hipóteses. A exploração minuciosa do conteúdo ocorre na fase subsequente, permitindo a identificação de padrões e tendências, bem como a revelação de significados ocultos.

Ao concluir a análise dos dados, emergiu a construção de uma apresentação que destacou os resultados obtidos a partir do levantamento de conhecimentos prévios. Em todo esse percurso, o foco esteve na conexão entre os significados descobertos e as respostas procuradas para as questões de pesquisa: o que são ISTs e qual é a relevância do estudo desse tema?

A aplicação dessas metodologias permitiu uma investigação minuciosa, proporcionando uma compreensão aprofundada dos dados qualitativos coletados. Essa abordagem rigorosa e estruturada possibilitou a transformação dos dados brutos em insights relevantes, contribuindo significativamente para a qualidade e a fundamentação dos resultados obtidos no estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No projeto, a participação abarcou um grupo significativo de 42 estudantes, dos quais 14 pertenciam à segunda série (10º etapa) e 28 à terceira série (11º etapa) do Ensino Médio na modalidade EJA. A presença constante dos alunos durante os dias do projeto alcançou um índice expressivo de 90,4%, alinhando-se à expectativa prévia de que a temática abordada despertaria genuíno interesse, incentivando a frequência ativa nos dias de atividades. Este dado ecoou nos resultados do questionário de avaliação do projeto, revelando que 85,7% dos entrevistados afirmaram que o tema explorado correspondeu às suas áreas de interesse de aprendizado. Além disso, o formato das discussões foi descrito como atrativo e envolvente, o que foi destacado por uma parcela significativa dos participantes.

Os resultados do questionário inicial revelaram lacunas no conhecimento sobre as siglas IST e DST. Importante salientar, que para efetivação do preenchimento do questionário, o investigador necessitou contextualizar as questões, visto o desconhecimento dos entrevistados. Notavelmente, 88,1% dos participantes indicaram desconhecer o significado da sigla IST, enquanto 95,2% afirmaram compreender o significado da sigla DST. Surpreendentemente, nenhum dos entrevistados demonstrou estar ciente da diferenciação entre ambas as siglas. A percepção coletiva sobre a importância do conhecimento acerca das ISTs foi evidenciada, já que 95,2% dos participantes enfatizaram a relevância de se familiarizar com o tema, em contraste com os 5,8% que não consideraram tal conhecimento necessário.

Dentre as ISTs mencionadas, o HIV foi identificado como a principal preocupação, sendo citado por 38,1% dos participantes, seguido pela sífilis (28,5%) e gonorreia (21,4%). Estes resultados ecoaram descobertas similares de um estudo conduzido com estudantes de primeira e segunda série do Ensino Médio em Belo Horizonte-MG, onde se constatou que os adolescentes mencionaram com maior frequência o HIV (90%), herpes genital (mais de 60%), sífilis (mais de 60%) e gonorreia (mais de 55%) como as ISTs mais comuns na transmissão sexual (SOUZA *et al.*, 2017).

Todavia, é crucial ressaltar a lacuna de conhecimento em relação a outras ISTs amplamente prevalentes, como a tricomoníase, hepatite B, candidíase e HPV, uma observação que merece atenção especial para futuras iniciativas educativas e informativas sobre saúde sexual e reprodutiva.

Uma constatação preocupante emerge dos dados coletados: 61,9% dos participantes admitiram não possuir conhecimento sobre nenhuma IST, enquanto 40,4% forneceram informações equivocadas sobre doenças e infecções. Apenas uma pequena parcela, representando 14,2% dos estudantes, conseguiu mencionar corretamente o mecanismo de infecção de alguma IST, evidenciando um desconhecimento específico sobre como essas infecções ocorrem e suas possíveis complicações.

Ao questionar os estudantes sobre as fontes de informação sobre prevenção sexual, apenas 11,9% afirmaram ter participado de palestras sobre ISTs, sendo a escola (9,5%) e cursos técnicos (2,3%) os locais mencionados. Esses números ressaltam a necessidade premente de ampliar programas educativos que atendam à demanda dos estudantes por um conhecimento mais aprofundado sobre sexualidade e suas implicações. Nessa perspectiva, surge a indagação sobre a pertinência da abordagem desses temas no ambiente escolar, sendo que 95,2% dos participantes acreditam que o estudo das ISTs na escola deveria ser estimulado.

No contexto contemporâneo, a escola desempenha um papel crucial na promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Essa relevância se fundamenta na crescente iniciação sexual precoce entre os jovens, colocando-os em situações de vulnerabilidade em relação à contração de ISTs. Assim, a escola emerge como um ambiente estratégico para discutir essas temáticas, oferecendo informações e orientações que podem influenciar positivamente o comportamento e as decisões dos adolescentes sobre sua sexualidade.

Estudos acadêmicos ressaltam a importância da educação sexual nas escolas como uma abordagem eficaz para lidar com as questões da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Um exemplo relevante é o estudo conduzido por Santelli *et al.* (2017), que evidenciou os benefícios significativos da educação sexual embasada em evidências nas escolas. Essa abordagem não apenas contribuiu para a redução das taxas de gravidez na adolescência, mas também demonstrou eficácia na prevenção de ISTs.

No entanto, uma parcela minoritária de 4,7% dos participantes expressou a opinião de que a escola não deveria abordar essa temática, sugerindo que o assunto deve ser explorado ou não pela família. Essas divergências apontam para a complexidade em torno do debate sobre a educação sexual nas escolas, destacando a necessidade de um diálogo amplo e inclusivo entre diferentes atores sociais para a implementação de programas educativos eficazes e abrangentes.

Indubitavelmente, a influência da família é significativa na formação da sexualidade dos adolescentes e na transmissão de valores e informações relevantes. Muitas vezes, essa influência se manifesta através da imposição de normas e comportamentos que refletem os valores fundamentais para a coesão e continuidade do núcleo familiar. Contudo, à medida que a sociedade evolui e se torna mais diversificada, surge a necessidade de uma abordagem mais abrangente e colaborativa para a educação sexual e a disseminação de informações adequadas entre os jovens. Pesquisas recentes, como o estudo conduzido por Bearinger *et al.* (2019), ressaltam a eficácia de abordagens integradas que englobam famílias, escolas e comunidades na promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Essas estratégias holísticas não apenas capacitam os jovens com informações essenciais, mas também fortalecem a comunicação aberta entre eles e seus pais, criando um ambiente propício para discutir questões relacionadas à sexualidade de maneira saudável e esclarecedora. Embora a família seja crucial na formação dos indivíduos, muitas não possuem estruturas adequadas para instruir crianças, adolescentes e jovens sobre saúde sexual, seja pela ausência dos membros familiares ou pela falta de conhecimento dos pais. É nesse contexto que a escola pode desempenhar um papel primordial para preencher essa lacuna educacional.

Um dado intrigante surgiu em relação ao interesse dos estudantes em aprender sobre saúde sexual. Embora a maioria tenha admitido desconhecimento sobre o assunto e reconhecido sua importância, apenas 40,5% expressaram o desejo de estudar sobre ISTs, enquanto 59,5% revelaram desinteresse. Entre as principais razões para estudar o tema, destacaram-se a importância de conhecer para prevenir (23,8%), a busca por conhecimento geral para exames vestibulares (11,9%) e a curiosidade em relação às doenças (4,7%). Por outro lado, as justificativas para não estudar foram variadas: considerar o tema irrelevante para o dia a dia (21,4%), preferência por estudar outras áreas (19%) e a crença de que o assunto deveria ser abordado em casa ou na igreja (19%), um número que cresceu desde a pergunta anterior.

Quanto à idade ideal para iniciar os estudos sobre infecções, os entrevistados expressaram opiniões diversas. Enquanto 38,1% indicaram a faixa etária de 12 anos como ideal, 14,2% mencionaram 15 anos. Além disso, 28,5% opinaram que não existe uma idade específica e que essa abordagem deveria ocorrer desde sempre, e 19% acreditam que a família é quem deve determinar a idade adequada para tal aprendizado. Essa variedade de opiniões destaca a complexidade e a importância

de considerar diferentes perspectivas ao planejar programas educacionais sobre saúde sexual.

Os entrevistados foram sondados sobre o medo de contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Dentro desse grupo, 61,9% afirmaram não nutrir tal receio, justificando essa tranquilidade pela estabilidade de relacionamentos monogâmicos e matrimoniais. Em contrapartida, 35,7% manifestaram preocupações, dos quais 2,3% expressaram um temor específico em contrair o HIV e depender de medicamentos ao longo da vida.

Uma outra linha de questionamento propôs uma situação que incitou reflexões sobre as probabilidades de infecção por ISTs entre homens heterossexuais e homossexuais. Nesse cenário, 69% dos entrevistados acreditavam que as chances de um homem homossexual adquirir uma IST eram superiores. Surpreendentemente, metade desse grupo não conseguiu identificar os motivos por trás dessa percepção. Entre as diversas justificativas apresentadas, algumas se destacaram: a crença de que a doença se adaptava melhor aos homossexuais (9,5%) e a falta de conhecimento de casos de homens heterossexuais que tenham falecido por IST (9,5%). Em contraposição, 30,9% afirmaram não haver distinção nas probabilidades de infecção. Entre as razões mencionadas estavam a convicção de que as infecções não discriminam as pessoas (23,8%) e o entendimento de que a infecção pode ocorrer em indivíduos que praticam sexo desprotegido, independentemente da orientação sexual (7,4%).

Os principais fatores de risco frequentemente identificados como contribuintes para a ocorrência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em adolescentes incluem a iniciação sexual precoce, o envolvimento em relações sexuais frequentes e desprotegidas, a falta de conhecimento apropriado, a exposição à violência física ou emocional, o engajamento em relações com múltiplos parceiros, o envolvimento com parceiros de idade mais avançada e relações com outros casais (WILSON & SATHIYAN, 2015; O'LEARY *et al.*, 2015). Esses fatores desempenham um papel crucial na vulnerabilidade dos adolescentes às ISTs, sublinhando a necessidade de intervenções educacionais e preventivas eficazes para abordar essas questões.

A elevada prevalência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) entre adolescentes, muitas vezes no início de suas vidas sexuais, deve servir como um alerta urgente para a necessidade de estabelecer programas abrangentes de promoção da saúde sexual (WILSON & SATHIYAN, 2015).

Com base nos resultados obtidos, foi essencial criar estratégias pedagógicas envolventes para promover a construção coletiva de conhecimento entre os estudantes. Uma abordagem chave foi a realização de uma série de encontros, iniciando com uma roda de conversa (Figura 1 C), oferecendo um espaço aberto para que os estudantes compartilhassem suas impressões sobre o preenchimento do questionário e discutissem sobre as ISTs. Nesses diálogos, o papel do professor foi crucial, intercedendo quando necessário para acalmar ânimos exaltados e corrigir informações imprecisas. Ao término desse encontro, o docente apresentou uma proposta de intervenção, encontrando uma adesão unânime dos estudantes.

A estratégia se desdobrou em 9 encontros distintos, incorporando duas rodas de conversa, seis aulas informativas (Figura 1 A) e um encontro final denominado “devolutiva das vozes iniciais” (Figura 1 B). Esse último momento foi fundamental, pois além de apresentar os resultados do questionário inicial, também aplicou um questionário final para identificar quais objetivos educacionais foram atingidos ao longo do processo.

Essa abordagem multifacetada proporcionou uma dinâmica interativa e inclusiva. Não apenas ofereceu aos estudantes um espaço para discussão e troca de ideias, mas também proporcionou o acesso a aulas informativas direcionadas. O momento de reflexão final foi particularmente impactante, ao permitir que os alunos comparassem os conhecimentos prévios com os adquiridos, evidenciando claramente o impacto positivo das intervenções implementadas.

Essa estratégia pedagógica abordou não apenas a transmissão de informações, mas também a promoção de um ambiente de aprendizado participativo e reflexivo. Isso demonstra como estratégias educativas engajadoras podem não apenas fornecer informações, mas também gerar mudanças reais no entendimento e consciência dos estudantes sobre temas tão importantes quanto as Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Figura 01. Registros fotográficos das atividades desenvolvidas com os estudantes do EJA sobre a importância de conhecer a respeito das ISTs.



Fonte: Álisson Pereira (2021)

Os resultados obtidos através do questionário final revelaram uma transformação significativa na compreensão e na visão dos estudantes acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Para 95,2% dos participantes, as atividades implementadas no projeto proporcionaram uma nova perspectiva sobre as ISTs, evidenciando uma mudança substancial em suas percepções. É interessante notar que um grande contingente, representando 85,7% dos estudantes, admitiu ter um conhecimento limitado sobre o tema antes do projeto. No entanto, a maioria expressiva, 97,6%, reconheceu que as atividades os capacitaram a refletir sobre suas decisões em relação às práticas sexuais futuras, sinalizando uma evolução notável no entendimento e na consciência sobre saúde sexual.

O conhecimento demonstrado pelos estudantes foi particularmente impressionante, com 95,23% deles exibindo um entendimento correto sobre mais de 5 ISTs, incluindo informações detalhadas sobre seus modos de infecção e tratamento. Esses alunos enfatizaram a natureza não discriminatória das ISTs, destacando que essas infecções não fazem distinção com base em gênero ou orientação sexual. Ao identificar a falta de informação e o estilo de vida como fatores de vulnerabilidade, demonstraram uma compreensão abrangente dos contextos que favorecem a propagação dessas infecções.

Uma descoberta alarmante revelou que 88,09% dos estudantes admitiram envolvimento em atividades sexuais desprotegidas durante o consumo de álcool ou

outras substâncias. Esse dado destaca a urgente necessidade de educação sobre os riscos associados aos comportamentos sexuais em contextos de vulnerabilidade, como aqueles envolvendo o uso de substâncias psicoativas. Martins (2012) ressalta que a associação feita pelos adolescentes entre o uso de álcool e/ou outras substâncias e o aumento do desejo sexual é problemática, pois muitos confundem a perda de inibição e o impulso para tomar decisões com o aumento desse desejo. Vários autores indicam que o consumo de bebidas alcoólicas e/ou outras drogas está entre os fatores que contribuem para a iniciação sexual precoce na adolescência. Esse fenômeno está estreitamente ligado à percepção social do consumo de álcool e tabaco entre os jovens (BERTONI, 2009).

A procura por serviços de saúde para exames de diagnóstico de ISTs foi relatada por 35,71% dos estudantes, indicando uma conscientização sobre a importância dos exames de rastreamento após atividades sexuais. No entanto, 16,66% manifestaram sentir medo e constrangimento, um reflexo da necessidade de abordagens mais sensíveis e acolhedoras nos serviços de saúde para encorajar o rastreamento e a prevenção de ISTs entre os jovens.

A respeito do ambiente educacional, 97,61% dos participantes reconheceram a escola como o melhor espaço para aprender sobre saúde sexual, desde que as atividades fossem conduzidas com cuidado e sem julgamentos. Apenas 2,38% acreditavam que a responsabilidade sobre o tema deveria ser exclusiva da família, sublinhando a importância do papel da escola na educação sexual, desde que seja complementada pelo apoio familiar.

Um aspecto relevante é a influência do nível educacional dos pais na comunicação sobre sexualidade com seus filhos. A falta de escolaridade dos pais pode representar um obstáculo para essas conversas, bem como para o acesso a informações por meio de materiais informativos e outros meios de comunicação (HOLANDA, 2006).

Diversos estudos têm apontado para uma série de fatores de risco associados ao comportamento sexual entre os jovens. Estes incluem o consumo de álcool, tabaco e outras substâncias, a falta de uso de preservativos, o envolvimento em relações com múltiplos parceiros, o início precoce da atividade sexual e a carência de conhecimento e informações acerca do tema (SALES, *et al.*, 2020). Esses fatores desempenham um papel crucial na vulnerabilidade dos jovens em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e gravidez não planejada, destacando

a urgência de abordar e mitigar essas questões por meio de programas educacionais e preventivos eficazes.

Compreender os sinais e sintomas mais comuns decorrentes da contaminação por ISTs pode ser fundamental para o autocuidado e a percepção precoce dessas infecções. O reconhecimento dos sintomas atua como um alerta, incentivando a busca por serviços de saúde para diagnóstico e tratamento. O conhecimento inadequado, quando associado à falta de informações e às condições biológicas, pode acentuar consideravelmente a vulnerabilidade à transmissão das ISTs. Além disso, a vulnerabilidade dos adolescentes às ISTs é fortemente influenciada pelo ambiente social, cultural e econômico no qual estão inseridos. Portanto, esse contexto é um dos elementos significativos a ser considerado ao desenvolver estratégias que atendam às diferentes realidades dos adolescentes. (COSTA *et al.*, 2013).

Ao analisar a trajetória do projeto e seus desdobramentos, torna-se evidente uma contribuição substancial para a formação dos estudantes. O projeto não apenas abordou questões essenciais relacionadas à saúde sexual, mas também desempenhou um papel fundamental ao fornecer conhecimento e conscientização, capacitando os estudantes para tomadas de decisão mais informadas e responsáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os estudos e a experiência prática, fica evidente a importância crucial da educação sexual nas escolas para o desenvolvimento de uma consciência crítica e informada entre os jovens. O projeto realizado não se limitou apenas à transmissão de informações, mas visou instigar discussões reflexivas que promovessem uma compreensão holística sobre a prevenção, tratamento e impacto social das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Ao sensibilizar os estudantes para a importância dessa temática e ao correlacionar esses conhecimentos com suas decisões cotidianas, foi possível notar uma mudança significativa na percepção e no entendimento desses jovens. Essa abordagem adaptada à realidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) revelou-se como uma estratégia eficaz para promover uma educação mais ampla e inclusiva sobre ISTs, contribuindo assim para uma sociedade mais consciente e saudável.

Os resultados obtidos ressaltam a necessidade premente de abordar abertamente as ISTs no ambiente escolar, confrontando informações equivocadas com dados científicos e perspectivas mais profundas. Replicar esse processo em diferentes realidades, partindo sempre dos conhecimentos prévios dos estudantes, pode tornar as intervenções mais assertivas e adaptáveis.

A escola desempenha um papel fundamental na promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, especialmente em um contexto contemporâneo onde a iniciação sexual precoce coloca os jovens em risco de contrair ISTs. Essa instituição emerge como um ambiente estratégico para fornecer informações e orientações que influenciam positivamente o comportamento e as decisões desses adolescentes em relação à sua sexualidade.

Estudos acadêmicos têm reforçado a relevância da educação sexual nas escolas como uma abordagem eficaz para lidar com questões de saúde sexual e reprodutiva. Pesquisas como a de Santelli *et al.* (2017) destacam os benefícios substanciais desses programas na redução das taxas de gravidez na adolescência e na prevenção de ISTs.

A abordagem educacional nas escolas não se limita apenas aos aspectos biológicos, mas também engloba os aspectos psicológicos, emocionais e sociais da sexualidade, capacitando os adolescentes a desenvolver uma identidade sexual saudável e a tomar decisões fundamentadas sobre questões de gênero, consentimento e relacionamentos interpessoais.

Além disso, é essencial que esses programas educacionais sejam complementados por políticas públicas abrangentes e acesso facilitado aos serviços de saúde sexual. A colaboração entre escolas, profissionais de saúde e comunidades é fundamental para garantir um suporte contínuo aos jovens, capacitando-os não apenas com conhecimento, mas também com recursos práticos para a promoção de uma saúde sexual positiva ao longo de suas vidas.

Portanto, à luz dessas evidências e pesquisas acadêmicas, fica claro que os programas de educação sexual desempenham um papel crucial na promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Capacitar os jovens a navegar por essa fase crítica de suas vidas com segurança e responsabilidade é essencial para o seu bem-estar futuro e para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e informada.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEARINGER, L. H. *et al.* A holistic view of the determinants of sexual health in a sample of adolescent girls. **Journal of Adolescent Health**, v. 64, n. 1, p. 18-23, 2019.

BERTONI, N.; BASTOS, F. I.; MELLO, M. B.; MAKUCH, M. Y.; SOUSA, M. H.; OSIS, M. J. *et al.* Uso de álcool e drogas e sua influência sobre as práticas sexuais de adolescentes de Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 6, p. 1350-1360, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Parte III - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias**. Brasília: 1999.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> . Acesso em 18 Jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos transversais na BNCC**. Contexto histórico e pressupostos pedagógicos. MEC, 2017. Brasília, DF, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf . Acesso em 18 Jul. 2021.

BRASIL. Organização Pan-Americana da Saúde. **Saúde e sexualidade de adolescentes: Construindo equidade no SUS**. Brasília, DF: OPAS, MS; 2017.

CHINAZZO I. R. , *et al.* Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. **Psico USF**, v. 19, n. 01, p. 1-12, 2014.

COSTA, A. C. P. J, Lins AG, Araújo MFM, Araújo TM, Gubert FA, Vieira NFC. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz – Maranhão. **Rev Gaúcha Enferm**. 2013;34(3):179-186.

FERREIRA E. A. *et al.* Adolescentes no espaço escolar e o conhecimento a respeito da saúde sexual e reprodutiva. **Cogitare enferm.**, v. 23, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/55851> .

GONÇALVES H. , *et al.* Sexual initiation among adolescents (10 to 14 years old) and health behaviors. **Rev Bras Epidemiol.**, v. 18, n. 01, p. 25-41, 2015.

GONDIM P. S. *et al.* Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. **Rev bras crescimento desenvolv hum.**, v. 25, n. 1, p. 50-53, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_art-text-+&pid=S010412822015000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt .

HOLANDA, M. L. DE; MACHADO, M. DE F. A. S.; VIEIRA, N. F. C.; BARROSO, M. G. T. Compreensão dos pais sobre a exposição dos filhos aos riscos das IST/AIDS. **Rev Rene**, v. 7, n. 1, 17 Feb. 2006.

LIEBERMAN, A. *et al.* Frequency of prescription filling among adolescents prescribed treatment for sexually transmitted infections in the emergency department. **JAMA Pediatr**, v. 173, n. 7, p. 695–697, 2019.

LIMA, K. Cristina dos S. *et al.* Prevenção às visões sobre os desafios da escola e da família.

IST/AIDS na educação de adolescentes no ambiente escolar: uma **Revisa Querubim**, v. 03, January, p. 10–16, 2018.

MARTINS, C. B. D. G. *et al.* Sexualidade na adolescência: Mitos e tabus. **Ciencia y Enfermeria**, v. 18, n. 3, p. 25–37, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

O'LEARY A, *et al.* Associations between psychosocial factors and incidence of sexually transmitted disease among South African adolescents. **Sex Transm Dis.**, v. 42, n. 3, p. 135-9, 2015.

PENNA L. H. G. *et al.* Sexualidade dos adolescentes em situação de acolhimento: contexto de vulnerabilidade para DST. **Rev enferm UERJ**, v. 23, n. 4, p. 507-12, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/18402> .

PEREIRA J. C., A. C. *et al.* VULNERABILIDADE DE ADOLESCENTES ESCOLARES ÀS DST/HIV, EM IMPERATRIZ – MARANHÃO. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 179–186, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rqenf/article/view/38910> . Acesso em: 09 mar. 2023.

REIS A. A. C. *et al.* Desafios para as políticas públicas voltadas à adolescência e juventude a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciênc. saúde coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2879-2890, 2018.

DUARTE D. S., J. K. *et al.* Fatores de risco associados ao comportamento sexual de adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 49, p. e3382, 18 jun. 2020.

SANTELLI, J. S. *et al.* Abstinence-only-until-marriage: an updated review of US policies and programs and their impact. **Journal of Adolescent Health**, v. 61, n. 3, p. 273-280, 2017.

SASAKI, R. S. A. *et al.* Comportamento sexual de adolescentes escolares da cidade de Goiânia, Goiás. **Rev Bras Epidemiol**. 2014; 17: 172-182.

SOUZA, V. *et al.* Conhecimentos, vivências e crenças no campo sexual: um estudo com alunos do ensino médio com perfis socioeconômicos diferenciados. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 21, 2017. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/remme.org.br/pdf/e991.pdf> .

WILSON, C. N. , SATHIY A. A. Associated Risk Factors of STIs and Multiple Sexual Relationships among Youths in Malawi. **PLoS One**, v. 10, n. 8, p. 1-13, 2015.

World Health Organization. Sexually transmitted infections: implementing the Global STI Strategy [Internet]. [Genebra]; 2017 [cited 2022 Jul 21]. Disponível em: <https://>

apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/258740/WHO-RHR-17.18-eng.pdf;jsessionid=E5424A57742AD58884D9AD1FF9DE9470?sequence=1 .

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.